

Inquietudes e possíveis conclusões

Por Daniela Haetinger¹

Magia, beleza e surpresa. Nenhum de nós duvida desses superpoderes da literatura. Stella Maris Rezende,² *estrela do mar de Minas, de mistérios e montanhas de histórias pra contar*, abriu o 5º Seminário AEILIJ evocando o encantamento literário desde essa primeira frase de sua apresentação. A fala mansa, mineira e doce suscitou igualmente inquietudes acerca dos desafios enfrentados pelos autores no percurso do seu ofício de encantar. Como bem disse ela, “escrever é de amargar”.

Os dilemas dos profissionais de literatura infantil e juvenil não me parecem tão distantes de outras categorias. Que autor não quer acreditar no que faz? Ser livre e viver da sua arte, das suas competências? Ser justamente reconhecido e respeitado por isso? Contadores de histórias são mágicos, sim, mas também e genuinamente humanos. E não o são sozinhos, precisam de outros complementares, das caronas na produção de velhos e novos colegas, da cumplicidade dos leitores, do dinheiro das editoras, do mercado, das políticas públicas, necessitam de mundos tanto inspiradores como pragmáticos para se realizar.

Nos desassossegos desse Seminário, vimos que escritores e ilustradores se inquietam por sua liberdade artística e pelo risco de impermanência do seu projeto estético, em um mercado de literaturas variadas e, por vezes, questionáveis. Temem, com toda razão, os contratos de trabalho unilaterais, que desfavoreçam os seus direitos e méritos. E tudo isso tão humano quanto a sua coragem, o seu talento e as suas habilidades e dificuldades de contar histórias de um jeito diferente, realmente autêntico. Dessas coisas quero lhes falar...

A liberdade artística nem sempre se encontra com os interesses de mercado. Questão ainda mais evidente entre os autores de livros infanto-juvenis, porque eles encontram hoje na escola o maior espaço e oportunidade de venda em larga escala. Iniciativas como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e o Plano Nacional de Biblioteca Escolar (PNDE) celebram o acesso e a formação de jovens leitores, e reconhecem financeiramente o trabalho do escritor. Em contrapartida, geram vicissitudes às aspirações artísticas, preocupações como a abordagem de temas supostamente inadequados ao espaço escolar, possíveis limitações impostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e os problemas de carência e competência dos mediadores e multiplicadores da leitura. Independente dos objetivos do autor, toda obra

¹ Educadora, jornalista, designer instrucional e produtora de materiais e mídias educativas. Coautora dos livros: *Aprendizagem Criativa – educadores motivados para enfrentar os desafios do novo século*; *Tribos nas Trilhas da Cidadania – 10 anos de Voluntariado Juvenil e Ações Transformadoras*; *O Universo Criativo da Criança – a revolução em sala de aula*.

² Escritora. Prêmio Jabuti 2012, primeiro e segundo lugar em literatura juvenil, e melhor livro de ficção do ano. Conheça sua trajetória em <http://www.stellamarisrezende.com.br/>.

**5º Seminário AEILIJ – Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil
Na programação da 59ª Feira do Livro de Porto Alegre
Novembro de 2013**

literária torna-se didática no universo escolar. Não há demérito no livro paradidático, ensinar e aprender é também encantar ao outro e a si mesmo.

Stella, eu e os demais aprendentes e ensinantes desse Seminário, concordamos que ilustradores e escritores devem persistir na sua busca pela autenticidade, pelo próprio projeto estético, pelo desejo de extrapolar realidades e contar as suas histórias daquele jeito diferente, enfim, pela liberdade artística. Cada um há de “encontrar a sua voz, o seu estilo e jamais abrir mão dele.” Stella falou ainda das coisas inesperadas e fora do controle do fazer literário: “Na literatura, você não sabe que botões apertar e onde vai desencadear, nunca sabe como dar partida, como desligar e o que ela pode produzir”. E de coisas esperadas e tristes: “a maior parte dos livros não tem função mágica, sabe-se exatamente o que esperar deles”. Isso realmente me desacomodou.

Será que precisamos repensar o conceito de literatura? Fiz uma provocação proposital nesse sentido, ao final da noite de estreia do Seminário. Obviamente sabemos do conceito, dos gêneros e das tradições literárias, mas, sejamos francos, como isso tem se demonstrado nesse mundo de consumo, mercado globalizado e facilidades de produção e acesso em que vivemos? A previsibilidade presente em livrarias de aeroporto e seus livros de um só botão, estende-se a inúmeras prateleiras, estandes e a tantos outros espaços de encontro das pessoas comuns (não dos literatos) com a literatura, inclusive na tradicional Feira do Livro de Porto Alegre. Entre os títulos disponíveis e bolsinhas do tipo edições da Barbie, quantos deles você considera realmente literatura? Talvez os livrinhos prontos e consumíveis da dona Barbie encantem milhares de crianças, afinal, o poder imaginativo delas e o forte apelo de consumo da sociedade vão além de poesia, estilística e boa escrita.

O encantamento é uma experiência única para cada pessoa, algo muito subjetivo. Cada leitor atribui significados e valores específicos ao texto e às imagens lidas. “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam...” (Leonardo Boff). Dialogamos com a diversidade de leitores, com múltiplas realidades e infinitas perspectivas. Se existem livros sem os tais botões mágicos, tem quem se interesse por eles e crie por si mesmo a magia esperada na literatura; tem quem os considere uma possibilidade, seja promessa ou ilusão literária. O cobiçado Prêmio Jabuti reconhece mais de 20 categorias do mercado editorial. Quero dizer: existe boa e má escrita em qualquer área, para qualquer idade e a respeito de qualquer tema. Existe ainda a indiferença diante daquele livro chato, sem graça, que não diz nada, insignificante, nem fascina nem desconcerta. O universo formalmente denominado literatura não está imune!

As artes de escrever e de desenhar fascinam e surpreendem leitores dos mais variados livros, literários ou não, em qualquer suporte ou mídia. Entramos agora no campo ilimitado da tecnologia e no território/tempo fluido do ciberespaço. O mundo digital convida todos a serem autores, editores, distribuidores e interagentes de qualquer obra, conteúdo ou fragmento. As crianças e os adolescentes participam e se encantam de verdade com esse mundo, passível de cópia e pirataria, mas também de compartilhamento, acesso e multiplicação. Rede-horizonte em tempo real, off-line, *streaming*, com gente disponível,

**5º Seminário AEILIJ – Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil
Na programação da 59ª Feira do Livro de Porto Alegre
Novembro de 2013**

ausente, ocupada; cada pessoa no seu tempo e, simultaneamente, tecendo o tempo de todos. Esse universo traz infinitas possibilidades aos processos criativos e ao desdobramento das obras literárias em hipertextos, ebooks, games, RPGs, metatextos, narrativas audiodescritas, etc.

Os aspectos positivos da tecnologia prevalecem diante do medo da distribuição não autorizada e do suposto distanciamento entre o jovem e o livro impresso. Os autores têm ao seu alcance novos percursos e ferramentas para criar histórias e fazê-las conversar com a realidade. Leo Cunha³ exemplificou o bate-papo da literatura com os interesses da geração *millenium*. O seu livro *Perdido no ciberespaço* fala de um autor que precisa da ajuda do leitor para sair da rede. Outro exemplo foi o seu processo de criação a partir do uso da tecnologia (tablet, Google Earth, mensagens por Facebook e e-mails). “A formação cultural da criança e do ser humano precisa de pluralidade, não pode ficar só no livro... Não vejo como competição esses universos de diferentes mídias. Sempre tendi pelo lado da complementação, de um universo conversar com o outro”.

O diálogo entre literatura e tecnologia não é novidade tampouco ameaça. Inspira-se ainda em outras telas, nas narrativas da televisão, do desenho animado, do cinema e do “antigo” videogame – a velocidade, a linguagem dos quadros e cortes de câmera, as sequências das cenas, os closes. Ernani Ssó⁴ nos lembrou dessas relações e foi realmente certo e feliz na sua conclusão: “A diferença entre o livro e a tela é muito menor do que as histórias contadas ao redor da fogueira e o livro... Não me interessa se o livro de papel vai acabar. O que não vai acabar são as histórias, a fome da humanidade pelas histórias, pelas narrativas, isso não vai terminar”. Obrigada, Ernani, por alimentar a esperança na literatura e em outras artes de comunicar e encantar!

As narrativas seguirão ganhando vida e rumos diversos no mundo, compartilhando realidades, dúvidas, certezas e sentimentos humanos, por meio de poéticas orais, visuais, escritas, midiáticas, ou todas juntas, simultaneamente – as poéticas contemporâneas já conversam e se realimentam em um circuito de troca. Enquanto apostamos no futuro, queremos continuar autores e sobreviver das nossas ideias no tempo presente. E agora tenho o prazer de me incluir e passar a dizer “nós”, porque sou autora como vocês, ainda que não de literatura [sigo em constante diálogo com ela, talvez no *intermezzo*, num dentro e fora literário].

A maior inquietude entre os participantes do Seminário AEILIJ ampliou o atual e promissor debate para todos os autores: a problemática dos contratos de trabalho e dos direitos de propriedade intelectual. Essas questões vieram à tona de forma pragmática, como merecem ser tratadas, porque disso depende a permanência da literatura como profissão. Thais

³ Escritor, tradutor e jornalista. Saiba mais sobre sua biografia e seu trabalho em: <http://www.leocunha.jex.com.br/>.

⁴ Escritor e tradutor. Acompanhe as suas duas colunas semanais em <http://www.coletiva.net> e <http://www.sul21.com.br>.

**5º Seminário AEILIJ – Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil
Na programação da 59ª Feira do Livro de Porto Alegre
Novembro de 2013**

Linhares⁵ elaborou e propôs um modelo de contrato que assegure mais direitos a quem cria e trabalha com arte, pois “as armadilhas do mercado” estão mesmo aí, nas cláusulas abusivas que desconsideram o autor. Uma falha decorrente da desarticulação da classe, da desinformação e, principalmente, do despreparo para lidarmos com o mundo dos negócios de arte. Thais confirmou: “Não há formação que nos ensine a cobrar ou como se faz o uso da arte”.

Devemos aprender a administrar melhor os nossos direitos e a tratar a negociação com os editores como relações econômicas que beneficiem ambas as partes. Hildebrando Pontes Neto,⁶ com a experiência jurídica de anos na defesa dos direitos autorais, deu mesmo uma aula nesse Seminário. Alertou que não cabe mais aceitarmos a amplitude das cláusulas contratuais, e esclareceu alguns termos e itens definidores das nossas garantias, por exemplo:

- adote *autor* e *obra*, ao invés de escritor/ilustrador/tradutor e conteúdo ou imagem (aliás, direito de imagem não tem nada a ver com criação);
- assine contratos de *edição* ou de *licenciamento*, evitando aqueles de *cessão de direitos*, interessantes somente aos editores;
- em caso de *cessão*, tenha cuidado para que seja parcial, nunca universal;
- é necessário pontuar os prazos da contratação, pois os contratos firmados em caráter indeterminado anulam qualquer possibilidade de ganho em futuras renovações;
- cada utilização da obra é uma contratação definida, portanto, o editor não pode exigir exclusividade e impedir um outro uso de sua obra, desde que não haja concorrência entre as diferentes utilizações;
- deve ser fixado o número de edições, o patamar exato de multiplicação da obra;
- obra coletiva define-se pela não identificação de seus autores, e não pela reunião ou colaboração de determinados autores.

Além de partilhar as implicações jurídicas e a precisão da nomenclatura, Hildebrando fez cair as nossas fichas sobre a gestão coletiva de direitos. “Existem autores que têm poder de barganha e poder de fogo para negociar seus contratos e seus direitos”. Mas, quem não tem todo esse poder, faz o quê? A união em torno de interesses comuns foi sugerida ao longo de um debate superprodutivo, e vislumbrada pelos sócios da AEILIJ.

A articulação profissional coletiva, incentivada e liderada por uma entidade fortalece os esforços pela garantia e equidade de direitos nas relações comerciais e de trabalho, não seria diferente para os autores. A AEILIJ parece disposta a disseminar essa ideia e levar adiante a construção e aplicação de um modelo de contrato que faça valer, de forma justa e legal, os

⁵ Autora, como diz o seu cartão de visitas. Ilustradora, escritora e quadrinista. Atua na área editorial e de cinema de animação. Siga o blog: <http://thaislinhares.blogspot.com.br/>.

⁶ Advogado e professor especialista em Propriedade Intelectual, e escritor. Fica a dica sobre a sua história: <http://www.museclubedaesquina.org.br/o-movimento/amigos/>. Site profissional: <http://www.hpontes.com.br/index.html>.

**5º Seminário AEILIJ – Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil
Na programação da 59ª Feira do Livro de Porto Alegre
Novembro de 2013**

direitos de propriedade intelectual dos seus associados. Essa conquista depende principalmente da mobilização e do engajamento de cada escritor, ilustrador ou tradutor de literatura infantil e juvenil. Afinal, de que adiantaria um modelo ideal de contrato, se cada profissional, em particular, não assumir o seu compromisso perante a coletividade e ceder às pressões dos editores?

Deixo a cada leitor desse texto a proposta de continuar e ampliar as reflexões aqui apresentadas, sobre as práticas e o mercado de literatura infantil e juvenil. Enquanto isso, seguimos em frente, “fazendo diferentes textos, procurando diferentes leitores, leitores de diferentes níveis, e diferentes literaturas”, como disse Hermes Bernardi Jr.⁷

⁷ Escritor, ilustrador e coordenador do Seminário AEILIJ desde o seu nascimento, em 2009. Confira o seu percurso e as suas obras literárias em <http://www.hermesbernardijunior.net/>.